

REVISTA

MUSEU DO FUTEBOL PARA TODOS



Alex Firmino

Conheça o jogador de futebol de amputados que participou do projeto Deficiente Residente

Daniela Alfonsi

fala sobre o Museu do Futebol

Ialê Cardoso

Projeto Deficiente Residente: Acessibilidade em Ação!

Esporte Inclusivo

Diversas modalidades para quem ama o futebol



MUSEU DO FUTEBOL

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

JOÃO DORIA - Governador do Estado

RODRIGO GARCIA - Vice-Governador do Estado

SÉRGIO SÁ LEITÃO - Secretário de Cultura e Economia Criativa

CLÁUDIA PEDROZO - Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa

FREDERICO MASCARENHAS - Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa

IDBRASIL - CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE

CARLOS ANTÔNIO LUQUE - Presidente

VITÓRIA BOLDRIN - Diretora Administrativa e Financeira

MUSEU DO FUTEBOL

DANIELA ALFONSI - Diretora Técnica

IALÊ PEREIRA CARDOSO - Coordenadora do Núcleo Educativo

MARCELO CONTINELLI - Assistente de Coordenação do Núcleo Educativo

ADEMIR SOARES, DANIEL MAGNANELLI DE ARAUJO e

TATIANE DE OLIVEIRA MENDES - Supervisores do Núcleo Educativo

CARTILHA MUSEU DO FUTEBOL PARA TODOS VOLUME IV

Concepção e Elaboração - Alex Sandro Firmino da Silva, Daniel Magnanelli de Araujo, Débora Henrique de Oliveira, Jamil Hussein Jaber Neto, José Rodrigues Neto, Raphael Vasconcelos da Silva, Rosane Lima de Oliveira.

Projeto Gráfico e Design - Pictomonster Inc.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Ademir Takara (CRB8-7735)

N964

Núcleo Educativo do Museu do Futebol

Museu do futebol para todos: volume 4 / Núcleo Educativo do Museu do Futebol ;
ilustração Fábio machado -- São Paulo : IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2020.

20 p. ; 21 x 29,5 cm.

ISBN 978-65-87184-00-5

1. Educação 2. Educação - Museu 3. Museu do Futebol

I. Título II. França, Bernardo

CDD 370

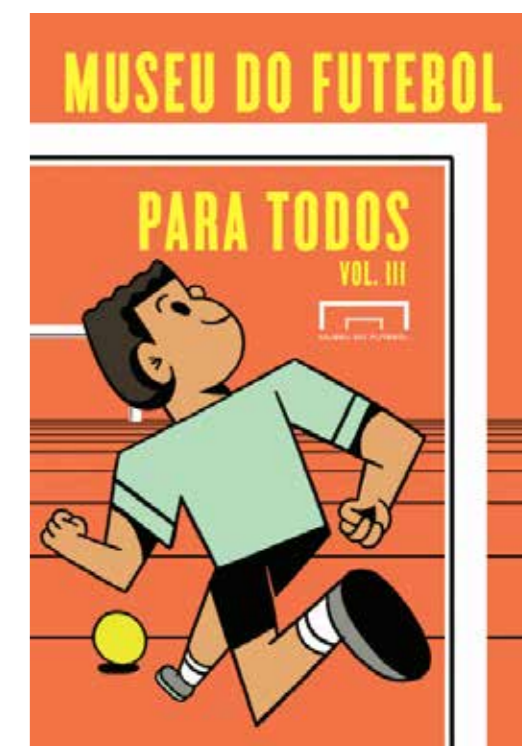
CDU 376



IDBRASIL CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE
NÚCLEO EDUCATIVO DO MUSEU DO FUTEBOL

MUSEU DO FUTEBOL PARA TODOS

Volume IV
São Paulo - SP
2020



APRESENTAÇÃO

Você leitor certamente conhece o futebol, o esporte mais popular do nosso país, mas será que ele seria tão popular assim se não fosse inclusivo? Segundo o censo do IBGE, em 2010, mais de quinze milhões de brasileiros se declararam como pessoas com deficiência, esse número representando 8,3% da população. Algumas dessas pessoas praticam esportes adaptados ou não às suas deficiências. Você conhece algum? Quais tipos de mudanças - adaptações e inovações - nas regras e na estrutura do jogo são necessárias para cada especificidade dos atletas, considerando suas limitações e seus potenciais?

Em 2019, a equipe do Educativo do Museu do Futebol realizou o projeto Deficiente Residente e, por cerca de 4 meses, acompanhou de perto a vida de um craque da bola, Alex Firmino, jogador de Futebol de Amputados. Realizamos uma entrevista exclusiva e descobrimos informações sobre sua vida, sua carreira e sobre algumas regras específicas para esta modalidade.

Conheça, descubra, reflita e torne-se parte desse incrível mundo da bola!

Boa leitura!

SUMÁRIO

05 MUSEU DO FUTEBOL

Introdução a um museu acessível, por Daniela Alfonsi

06 FUTEBOL DE AMPUTADOS

Conheça as principais regras da modalidade.

08 PELO MUSEU DO FUTEBOL

Entrevista com Alex Firmino, jogador do Futebol de Amputados: olhares e reflexões sobre sua vivência no Museu.

12 ATLETA MFT

Conheça o craque Alex Firmino dentro e fora de campo.

14 OUTROS FUTEBÓIS

Conheça variações do futebol para pessoas com deficiência e algumas de suas regras específicas.

13 "PROJETO DEFICIENTE RESIDENTE: ACESSIBILIDADE EM AÇÃO!"

uma crônica de Ialê Cardoso.

DANIELA ALFONSI



MUSEU DO FUTEBOL

Localizado numa área de 6.900m² no Laveso das arquibancadas, na entrada principal de um dos mais antigos estádios brasileiros, o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho – o Pacaembu, foi inaugurado em 29 de setembro de 2008 e é um dos museus mais visitados do país. Concebido e realizado pela Fundação Roberto Marinho, pela Prefeitura de São Paulo e pelo Governo do Estado, tem como missão investigar, preservar e comunicar o futebol como expressão cultural no Brasil, em diálogo com todos os públicos, para instigar e inspirar ideias sobre futebol. É um museu, portanto, aberto ao convívio de todos os públicos, amantes ou não do esporte mais popular do planeta. Apresenta ao público uma exposição principal, distribuída em 15 salas temáticas, que narra de forma lúdica e interativa,

como o futebol chegou ao Brasil e se tornou parte da nossa história e nossa cultura. Cria e desenvolve exposições temporárias, itinerantes e diversificada programação cultural. O Museu tem como um de seus pilares a acessibilidade e a inclusão. Foi o primeiro museu da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, e também da Fundação Roberto Marinho, planejado para ser totalmente acessível, dispondo de recursos variados, tanto de acessibilidade física (escadas rolantes, elevadores, piso podotátil, cadeira de rodas) quanto de acessibilidade comunicacional (audioguias em inglês, espanhol e para cegos, maquetes táteis, materiais sensoriais etc). O Museu busca o constante aprimoramento e adaptação de sua expografia, conteúdos, linguagens e, principalmente, o atendimento humano e atento às diferenças.

O Museu tem como um de seus pilares a acessibilidade e a inclusão. Foi o primeiro museu da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, e também da Fundação Roberto Marinho, planejado para ser totalmente acessível

REGRAS E CURIOSIDADES

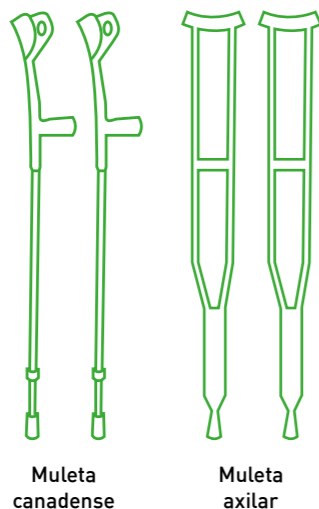
JOGADOR DE LINHA

Não pode usar o coto da perna amputada ou as muletas para tocar, de maneira proposital, na bola ou no adversário. Lateral e escanteio devem ser cobrados com o pé.



EQUIPAMENTOS DOS JOGADORES

A muleta canadense é a mais utilizada para a prática do esporte. Em algumas exceções, utiliza-se a muleta axilar.



Muleta canadense

Muleta axilar



Chico Frateschi

As cores das muletas são padronizadas de acordo com as cores do time.

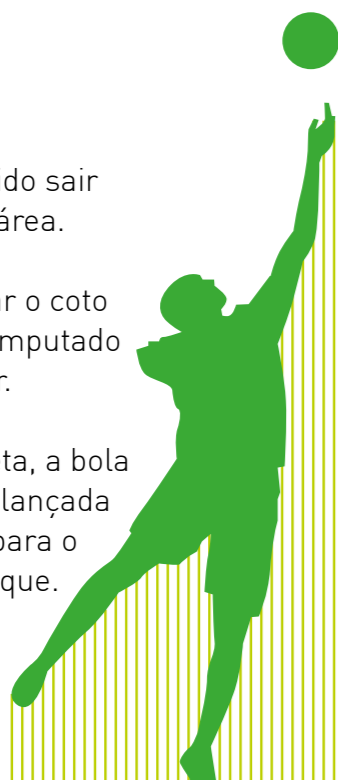
O coto deve estar coberto com tecido da cor do meio do time.

GOLEIRO

Não é permitido sair de dentro da área.

Não pode usar o coto do membro amputado para defender.

No tiro de meta, a bola não pode ser lançada diretamente para o campo de ataque.



NÚMERO DE JOGADORES

O time é formado por 7 jogadores em campo, sendo 6 na linha e um no gol, além dos jogadores reservas.



HISTÓRIA

O Futebol para Amputados é uma variação do futebol society. Para ser um atleta da modalidade, é necessário ser amputado ou ter um membro com restrição significativa em suas funções, seja por questões congênicas (má formação) ou adquiridas (acidentes ou doenças ao longo da vida) no membro inferior, no caso de jogador de linha, ou de algum membro superior, no caso do goleiro. A Copa do Mundo de Futebol para Amputados foi criada em 1987 pela Amputee Soccer Internacional. Atualmente, o Brasil é tetracampeão mundial (1989, 2000, 2001 e 2005).

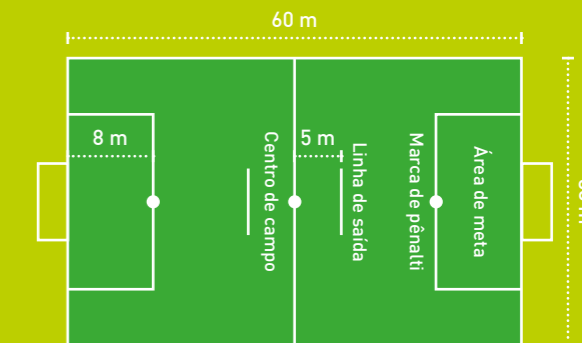


Ademir Cruz comemora a segunda Copa consecutiva do Brasil em 2001

Richard Hofmann, USA

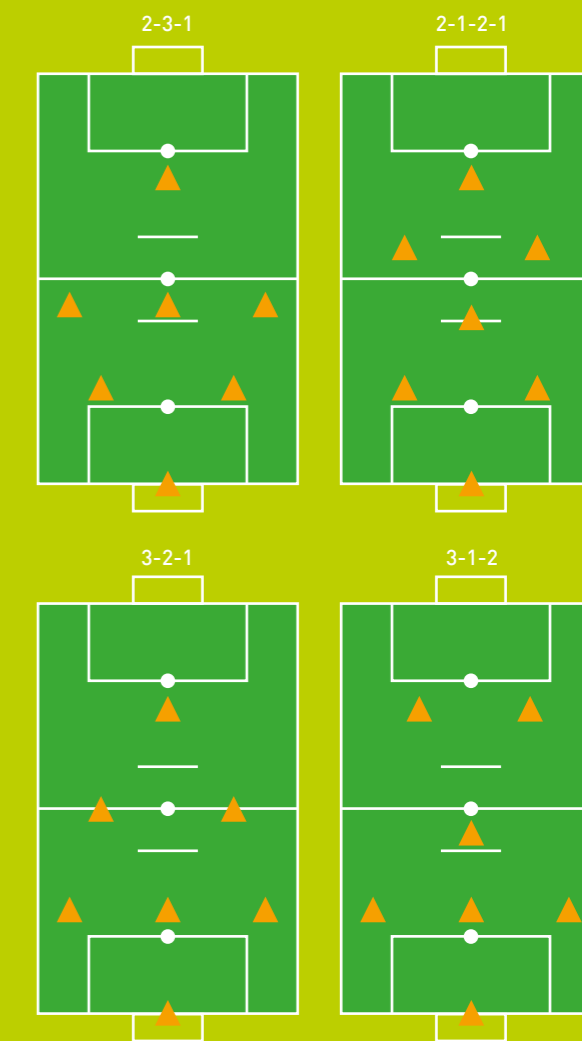
O TERRENO DO JOGO

Geralmente, a prática ocorre em um campo de futebol society com medidas mínimas de 60m x 38m.



ESQUEMAS TÁTICOS

Estrutura desenvolvida pela comissão técnica a fim de organizar sua equipe dentro de campo. Algumas variações:



ENTREVISTA ALEX FIRMINO

Durante o projeto Deficiente Residente, Alex Firmino, jogador do São Paulo e da Seleção Brasileira de futebol de amputados, fala sobre vida, carreira e muito mais, confira!



Educativo Museu do Futebol

Alex com a equipe educativa durante sua visita ao Museu do Futebol

Museu: Alex, você já jogava o futebol de “andantes” antes do acidente e sabemos que a versão de amputados não é tão popular quanto a convencional. De que forma você conheceu o futebol de amputados?

Alex: Através da minha namorada, Marcella. Sabendo da minha paixão pelo esporte, ela fez uma pesquisa e me ligou contando sobre o time Corinthians Mogi, de Mogi das Cruzes. No começo eu duvidei da possibilidade de jogar bola, eu falava: “Jogar futebol com uma perna só? Nada a ver isso aí”. A Marcella insistiu e conseguiu o contato de um time mais próximo a minha casa, a Associação Bola Para Frente Esportes Adaptados, e de um dos jogadores que morava mais próximo a mim, o Bruno, e foi onde tudo começou.

Museu: Com essa relutância de não acreditar que fosse possível, como essa barreira foi quebrada?

Alex: A Marcella entrou em contato com o Bruno marcando um encontro comigo e no mesmo dia ele queria me levar pro time (risos). Eu nem queria ter esse encontro, mas quando ele chegou já começou a brincar comigo, me incentivando a levantar da cama, a viver, a jogar bola, e eu ainda seguia recusando, achava impossível jogar com uma perna só. Ele insistiu, combinou de me buscar no sábado, e eu já estava preparado para inventar uma desculpa pra não ir (risos). No dia marcado, quando ele chegou, acabou me convencendo a ir assistir ao jogo, cheguei lá, era um jogo do campeonato paulista, fiquei na torcida e me espantei ao ver como eles jogavam bola muito bem, mesmo sem ter uma perna.

Museu: Fica bem claro que existiu um Alex antes do futebol de amputados e outro muito diferente após o futebol de amputados. Qual a importância desse esporte na sua vida?

Alex: Futebol de amputados mudou minha vida, me fez viver de novo, foi como um recomeço, eu renasci por causa daquele futebol. Depois que eu conheci o esporte minha vida foi mudando. Antes eu não gostava que as pessoas olhavam para mim, eu ficava com a maior vergonha, nem queria sair de casa, depois do futebol eu fui ficando menos tímido, fui conhecendo outras pessoas iguais a mim, fui me divertindo mais, brincando, zoando, dando risada, feliz! Foi aí que notei a mudança.

Museu: No início você foi muito incentivado a jogar, tanto pela sua família, quanto por amigos. Você encoraja pessoas com deficiência a praticar esportes?

Alex: Sim, o esporte dá condições para as pessoas conhecerem outras iguais a ela, superando as mesmas dificuldades, e ela acaba percebendo que pode viver normalmente. O esporte resgata vidas, eu recomendo para todo mundo que esteja passando por algum problema, porque tenho certeza que a pessoa vai se sentir melhor.

O esporte dá condições para as pessoas superarem as dificuldades e elas acabam percebendo que podem viver normalmente.

Museu: Você acha que o futebol de amputados teria mais adeptos se as pessoas tivessem conhecimento sobre o esporte?

Alex: Com certeza, né? As pessoas acham que o futebol de amputados, por ser uma adaptação, é um esporte chato, parado e que não tem contato, mas na verdade é um esporte de muito contato físico. Só estando lá para saber como é diferente.

Museu: Depois de conhecer o esporte, quando você decidiu jogar? Conta para a gente como foi o seu primeiro contato como jogador. Foi fácil se adaptar?

Alex: Uma semana depois que eu assisti o jogo de amputados, pela primeira vez, eu fui tentar jogar. O Bruno que me emprestou uma chuteira. Eu ainda estava me acostumando com as muletas, na época eu usava a muleta axilar. No meio do treino eu tentei dar um “bote” e levei um drible que me deu uma “envergada”, travei a muleta, caí no chão e machuquei o coto, onde tomei os pontos da cirurgia, mas depois continuei treinando. Ganhei a muleta canadense (de antebraço) da minha mãe e da minha namorada e entrei de cabeça, me apaixonei de vez pelo esporte.

Museu: E aí já começou craque de bola né?

Alex: Nada. Logo quando eu comecei, eu era fraquinho, não tinha muita habilidade, essas coisas, foi onde eu comecei a me adaptar. Eu ia para o campo ficava jogando com os moleques, via os caras jogando, pegava uma bola, ficava chutando, treinando, e a cada dia fui me aperfeiçoando mais. Quando eu fui ver, estava chutando tão forte que nem mesmo eu acreditei, “explodi” do nada.

Museu: Quando foi descoberto o seu talento para a modalidade? Depois de tanto treinamento, em quanto tempo você se percebeu como um exímio jogador e de que forma a sua carreira foi transformada?

Alex: Três meses depois que eu estava na Associação. Consegui entrar para o time mais forte que era o São Paulo, tudo aconteceu muito rápido. Disputei o primeiro campeonato com esse time ficando em 4º lugar no Campeonato Brasileiro e depois veio a minha convocação para a seleção brasileira, de uma hora para outra.

ENTREVISTA ALEX FIRMINO

Museu: Quais dicas você daria para alguém que estivesse iniciando hoje no futebol de amputados?

Alex: Se esforce, aperfeiçoar os fundamentos é essencial, e se não conhece algum amputado para jogar com você, jogue com seus amigos não amputados. Jogar com andantes me fez um melhor jogador de futebol de amputados.

Museu: Teve algum jogador que marcou a sua infância? Que acabou se tornando uma inspiração?

Alex: (Risos). Vários! Kaká, Lúcio, Vampeta, Ronaldinho... são meus ídolos. São caras que eu lembro.

Museu: Na Copa de 2002 o Brasil se tornou pentacampeão, foi uma festa no Brasil inteiro, você se lembra dessas comemorações? Falando em Copa, conta para a gente como era esse clima de copa do mundo onde você vivia? A sua família é daquelas que se reúne para ver os jogos?

Alex: Ah, sim! Estava com meus amigos na viela perto de casa, e minha família colocou a TV para o lado de fora e todo mundo do bairro ficou ali assistindo. Como eu era pequeno e o que mais gostava era da bagunça, não dava muita atenção. Minha lembrança era mais das brincadeiras, da festa. Depois daquela copa eu comecei com meus amigos a arrecadar dinheiro na viela e decorar a rua inteira com fitinhas e tinta verde e amarela. Essa festa na viela com a TV do lado de fora segue viva até hoje lá no meu bairro.

Museu: Nessas festas você imaginava que um dia poderia disputar uma Copa do Mundo?

Alex: Eu nunca imaginei que um dia poderia jogar uma Copa do Mundo, mas é o sonho de todo moleque do bairro.

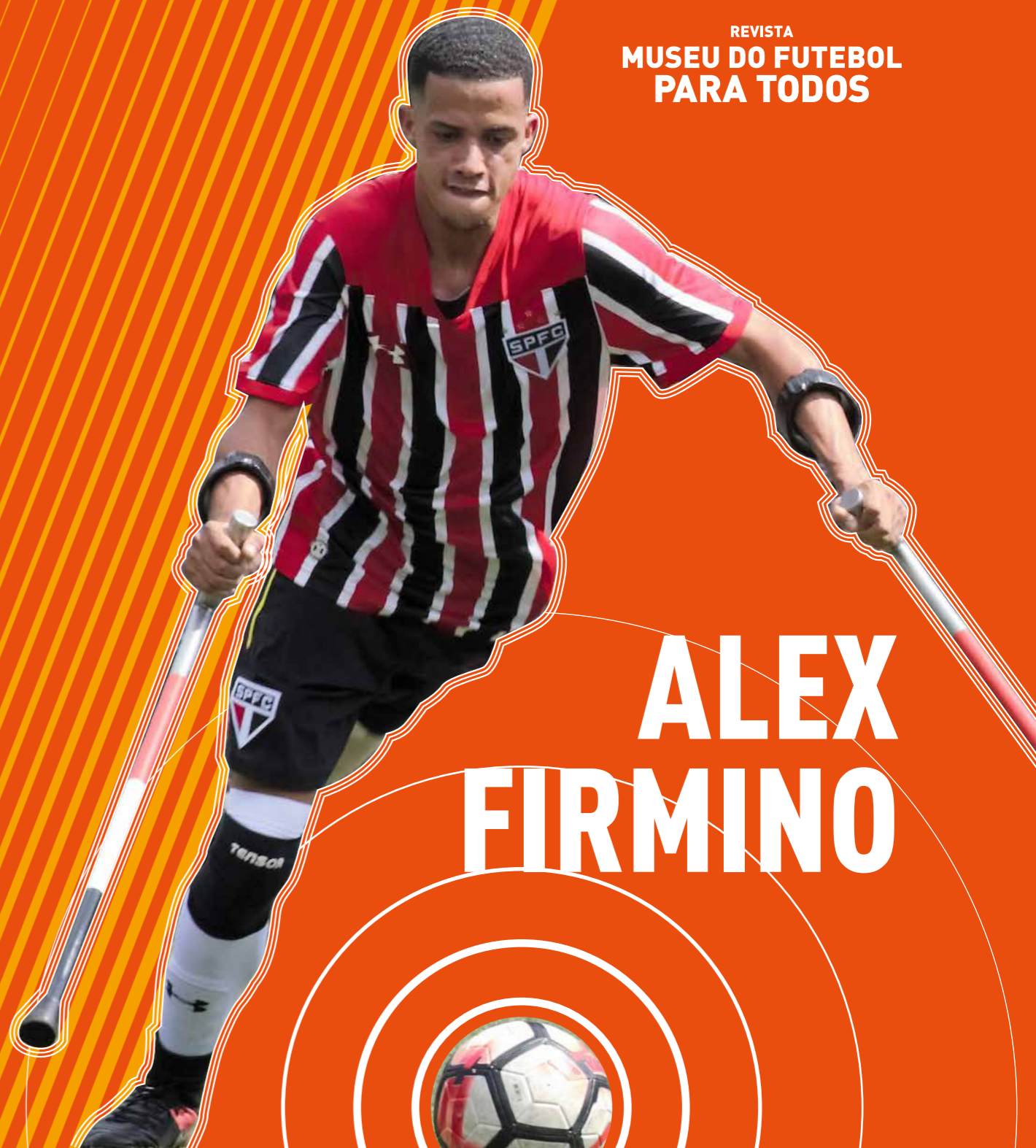
Museu: Em 2018, você realizou esse sonho de infância e disputou, no México, uma Copa do Mundo de Futebol de Amputados, conquistando o terceiro lugar. Conta para a gente como foi essa experiência.

Alex: Foi tudo bem diferente pra mim. Até na hora de comer você sente que está em outro país. Lá no México eles colocam pimenta em tudo, não estava acostumado! E tem também o trânsito lá que é bem diferente daqui do Brasil, nem parece que tem lei (risos). O mais legal foi dividir o hotel com as outras seleções. Dá pra perceber como cada cultura é diferente e também como muda o estilo de jogo de país para país. Os russos são todos muito fortes, um jogo físico e retranqueiro, os caras batem pra caramba. Os angolanos são rápidos e tem um jeito diferente de usar a muleta. E o time da Nigéria é o mais engraçado, os jogadores dançam pra qualquer coisa, estão sempre felizes! Senti muito orgulho de representar o Brasil, queria ter sido campeão né... mas o terceiro lugar foi uma grande conquista pra nós.



Educativo Museu do Futebol

REVISTA
MUSEU DO FUTEBOL
PARA TODOS



Chico Fratreschi

ALEX FIRMINO

Nome: Alex Sandro Firmino da Silva
Nascimento: 11/03/1997 (São Paulo)
Altura: 1,80m
Peso: 59,9kg

Time do coração: São Paulo.

Posição: Meia-atacante.

Número de camiseta predileta: 11

Ídolos do Futebol: Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Kaká, Rogério Ceni e Vampeta.

Ídolos de outras áreas: Maria da Conceição (mãe), Marcella (namorada).

Principais conquistas:

3º lugar na Copa do Mundo de Futebol de Amputados pelo Brasil em 2018.

4º lugar na Copa do Brasil de Futebol de Amputados pelo São Paulo FC em 2018.

3º lugar no Campeonato Paulista de Futebol de Amputados pelo São Paulo FC em 2018 e em 2019.

Vice-campeão no Campeonato Brasileiro de Futebol para Amputados pelo São Paulo FC em 2019.

Time que gostaria de jogar?

Barcelona (ESP).

Para onde o futebol já te levou?

San Juan de los Lagos (México), Goiânia (GO), Cosmópolis (SP), Rio das Ostras (RJ), Leme (SP) e Maringá (PR).

Para qual país você gostaria que o futebol o levasse? Por qual motivo?

Turquia. Lá o futebol de amputados é muito valorizado e desenvolvido.

Lugares favoritos?

Parque do Ibirapuera (SP), Rio de Janeiro e Pernambuco.



Chico Frateschi

O que gosta de comer?

Pastel de carne com queijo e stroganoff de frango.

Curiosidade?

Comecei a torcer pro São Paulo com 11 anos de idade.

Você sabia?

Eu treino com os andantes no campo do Ibirapuera de vez em quando.

Como gosta de jogar?

Meia-atacante.

Quais suas principais habilidades?

Aprender muito fácil, driblar, correr e chutar.

Classificação (de 0 a 10)

Finalização	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Drible	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Velocidade	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Cabeceio	● ●
Habilidade	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Marcação	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Passe	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Resistência	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Leitura de jogo	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
Avaliação Geral	● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

O GOL DA MINHA VIDA

“Um dos gols mais marcantes que fiz aconteceu em 2018, no Campeonato Paulista. Nós perdemos de 6 a 1 do Corinthians Mogi mas foi o primeiro gol que fiz em cima deles, que são um time muito forte no futebol de amputados. Foi um gol em que eu driblei, driblei, dei um tapinha pro gol, o zagueiro não conseguiu tirar a bola e empurrou pra dentro.”



REFLITA SOBRE ESSAS PERGUNTAS: QUAIS REGRAS DO FUTEBOL PODEM SER ALTERADAS? PARA QUE SERVE A NOSSA CRIATIVIDADE? O QUE NOS TORNA DIFERENTES UNS DOS OUTROS?

Quando jogamos futebol na rua, na praia, na praça ou em outro lugar não oficial, mudamos as regras de acordo com nossas necessidades e nem damos conta. Quantidade de jogadores, com ou sem goleiro, tamanho do gol, se a bola sai pela lateral, entre tantas outras variações. Sabe por que fazemos isso? Para tornar o futebol acessível à realidade em que estamos. Em um dia, temos 6 crianças em um time contra 5 e, no outro dia, jogamos em trios. Em um jogo, fazemos tabela com o muro e, no outro, se a bola encostar nas águas do mar, o jogo para.

Entre as adaptações e variações de regras, olhares ao nosso redor e às pessoas que convivemos, notamos que o futebol é um esporte que pode ser jogado de várias maneiras. O futebol, com as mudanças sociais e estruturais das cidades ao longo dos anos, criou novas modalidades esportivas como o futsal, o futebol de praia e o society. E se pensarmos nas pessoas que convivemos, será que existem *Outros Futebóis*?

Listamos algumas das principais modalidades para pessoas com deficiência que nasceram a partir do Futebol.

VOCÊ SABIA?

Existem alguns critérios a serem considerados no desenvolvimento de futebol para pessoas com deficiência:

Local: limitado e bem sinalizado, sem qualquer tipo de obstáculo. Geralmente, as dimensões do local de jogo são similares às do futebol de campo, society ou do futsal.

Materiais: devem ser confeccionados de acordo com as especificidades de cada tipo de deficiência.

Regras de jogo: adaptação ou, se necessário, criação de novas regras para atender ao perfil, às habilidades e às limitações de cada deficiência para maior igualdade entre os atletas.

FUTEBOL DE CEGOS

Este esporte é jogado por pessoas com deficiências visuais com classificação oftalmológica B1, ou seja, cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância.

A modalidade surgiu em 1920, na Espanha, e há relatos de que, no Brasil, as primeiras partidas aconteceram nos anos 1950, com cegos praticando futebol com garrafas, latas e bolas envoltas com plástico em instituições de ensino e apoio às pessoas com deficiências visuais. O primeiro evento oficial ocorreu em Natal (RN) durante as Olimpíadas das APAE's de 1978.

Desde que o esporte passou a fazer parte dos Jogos Paralímpicos, a seleção canarinho foi medalha de ouro em todas as edições disputadas até hoje: Atenas (GRE) em 2004, Pequim (CHI) em 2008, Londres (ING) em 2012 e no Rio de Janeiro (BRA) em 2016.



Curiosidades sobre as regras:

Atletas de linha usam vendas e tampões nos olhos para evitar qualquer vantagem dos que apresentem percepção luminosa.

O goleiro não possui deficiência visual e, durante a partida, não pode sair dos limites de sua área para tocar a bola.

Estruturas colocadas junto às laterais impedem que a bola saia da quadra a menos que seja por cima delas ou pela linha de fundo.

A bola emite sons a partir de guizos internos para a orientação e localização dos jogadores em quadra.

A quadra é dividida em 3 terços para que as orientações sejam feitas por pessoas específicas: o goleiro no terço da defesa, o técnico no terço central, e o "chamador" no terço de ataque. Este fica atrás do gol adversário dando informações sobre a direção do gol, o posicionamento dos adversários e as possibilidades de jogadas.



OUTROS FUTEBÓIS

FUTEBOL B2/B3

Assim como o Futebol de Cinco – ou Futebol de Cegos – a modalidade é praticada por pessoas com deficiências visuais com a diferença da classificação oftalmológica. Enquanto o primeiro é para atletas B1, este é para atletas B2 (quando há a percepção de vultos) e B3 (quando há a definição de imagens). Com essas especificidades na deficiência visual dos atletas, a modalidade segue muitas regras parecidas com o futsal.

Curiosidades sobre as regras:

Atletas B2 e B3 atuam juntos, sem a necessidade de venda para cobrir os olhos.

Equipes devem ter, no mínimo, dois atletas classificados como B2 em quadra.

A bola deve ter contraste com piso da quadra, de forma que esteja o mais visível possível.



Renan Cacioli/CBDV

FUTSAL DOWN

A primeira Copa do Mundo de Futsal Down aconteceu em 2018, na região de Viseu (POR), e contou com a participação de Portugal, África do Sul, México e a Itália, que sagrou-se campeã. Em 2019, em Ribeirão Preto (SP), a segunda edição do torneio contou com 7 países: Brasil, Argentina, Chile, Itália, México, Peru e Portugal. Na grande final, o Brasil foi campeão vencendo a Argentina por 7 a 5.



Curiosidades sobre as regras:

Segue as regras oficiais do futsal com a possibilidade de sofrer alterações a fim de favorecer a prática do esporte, a igualdade e a competitividade durante o jogo.

Tempo maior para a cobrança de lateral, escanteio e tiro de meta.

Tempo maior de descanso entre os dois períodos.

A bola de jogo utilizada tem as medidas da bola da categoria juvenil (Sub-17).

POWER SOCCER

Esta modalidade teve início no final dos anos 1970, a fim de atuar na reabilitação de jovens com deficiências físicas (geralmente distrofia muscular e paralisia cerebral). Na França, ganhou o nome de "Powerchair Football" e, no Canadá, "Motor Ball". Apesar da nomenclatura diferente, ambos esportes eram similares.

Em 2005, por iniciativa dos franceses, iniciou-se o processo de tornar o esporte uma modalidade internacional. Assim, unidos com outros países que já praticavam variações do Power Soccer, também conhecido como Powerchair Football, estruturaram as regras para que, em outubro de 2006, nos Estados Unidos, as novas regras fossem testadas e validadas.

No Brasil, há relatos da prática da modalidade sendo iniciada em meados de 2010, no Rio de Janeiro.



Curiosidades sobre as regras:

A equipe é composta por 4 jogadores em cadeiras de rodas motorizadas na quadra, sendo três na linha e um no gol.

Os atletas são divididos em duas categorias: PF1, para pessoas com grande comprometimento físico e PF2, para pessoas com comprometimento moderado.

A cadeira de rodas tem, obrigatoriamente, que ser motorizada e estar equipada com o footguard, uma estrutura de proteção colocada na frente da cadeira de rodas, utilizada para a realização de condução da bola, dribles, passes, chutes e defesas.

A bola tem medida aproximada de 32,5cm de diâmetro e seu peso a impede que saia do chão com frequência.

Os atletas não podem ultrapassar a velocidade de 10km/h com suas cadeiras motorizadas.

FUTEBOL DE SURDOS

Os primeiros registros são de 1871 no Reino Unido, sendo o Glasgow DFC o primeiro time. Na esfera internacional, foi incluída como modalidade nas Olimpíadas de Surdos – ou Surdolimpíadas – desde 1924. Praticado sem a necessidade de criar adaptações ou variações nas regras, exceto na comunicação da arbitragem, é praticado no formato de futsal, futebol de campo ou society.

Curiosidades sobre as regras:

Os árbitros utilizam bandeiras para se comunicar com as equipes e procuram ficar de frente para os jogadores.

Para competir nas Olimpíadas de Surdos, a única exigência é que os atletas tenham perda auditiva inferior a 55 decibéis no melhor ouvido.

FUTEBOL DE SETE

Praticado por pessoas com paralisia cerebral e/ou alguma outra lesão cerebral traumática, surgiu em 1978, na Escócia, como uma adaptação do futebol durante a terceira edição dos Jogos Internacionais para Paralisados Cerebrais. Em Nova Iorque, no ano de 1984, estreou como uma modalidade paralímpica, tendo a Bélgica como a primeira medalhista de ouro. A modalidade, no entanto, não fará mais parte dos Jogos Paralímpicos a partir de 2020 por não atender às regras estabelecidas pelo Comitê Internacional que determina que esportes coletivos devem ser praticados por, no mínimo, 24 países e em 3 continentes.

No Futebol de 7, a primeira participação do Brasil ocorreu nos Jogos Paralímpicos de Barcelona (ESP) em 1992. Desde então, conquistou três medalhas sendo uma prata em 2004 nos jogos de Atenas (GRE) e duas de bronze – em Sidney, Austrália (2000) e no Rio de Janeiro (2016).

Curiosidades sobre as regras:

Cada time tem sete jogadores (incluindo o goleiro) e cinco reservas. Os jogadores são divididos em categorias de acordo com o grau da paralisia e o comprometimento: FT1 (severo), FT2 (mediano) e FT3 (leve). Os arremessos laterais podem ser cobrados com apenas uma das mãos; desde que a bola toque imediatamente o solo após a sua execução

Não há impedimento.



IALÊ CARDOSO



PROJETO DEFICIENTE RESIDENTE: ACESSIBILIDADE EM AÇÃO!

É com alegria e orgulho que escrevo esta breve crônica sobre o projeto educativo Deficiente Residente, que considero o mais importante e transformador da minha vida profissional. Criado em 2010, o projeto atua na área comportamental e atitudinal, transformando e qualificando o atendimento oferecido pela equipe do Museu do Futebol ao seu público visitante.

No processo de decidir dar vida ao projeto, investigamos a nossa prática e assumimos, com muita humildade, que tínhamos dificuldades importantes na interação com o público com deficiência, em decorrência de preconceitos pessoais e sociais, por falta de conhecimento e até por dúvidas em relação ao vocabulário, comportamento e a necessidade de adaptar a linguagem. Percebemos que, para minimizar as barreiras – visíveis e invisíveis –, era preciso conversar a respeito do assunto com o outro, ou seja, com a pessoa com deficiência e conhecer seus pontos de vista para melhorar nossa atitude e tornar o espaço físico do Museu adaptado e acessível a todos.

Acessibilidade, inclusão e diversidade são construídas com base em troca de experiência, escuta afetiva e atenção às necessidades individuais

Hoje, já com nove anos de atividades, este projeto que nos orgulhou ao ser laureado por dois prêmios de educação em museu, consolidou sua atuação trabalhando a cada ano uma deficiência diferente e convidando uma ou duas pessoas com deficiência para trabalhar na equipe do Núcleo Educativo por três meses como residente remunerado. Neste período, tanto a equipe do Museu quanto os residentes vêm exercitando habilidades socioemocionais tais como empatia, afeto e acolhimento, quebrando barreiras e buscando contribuir cada vez mais para o acesso pleno da pessoa com deficiência.

Como resultado do projeto, com igual protagonismo dos residentes e da equipe de educadores e orientadores de público, passamos a entender que acessibilidade, inclusão e diversidade são construídas com base em troca de experiência, escuta afetiva e atenção às necessidades individuais.

Tem sido emocionante aprender que a convivência com as diferenças torna possível respeitá-las e aceitá-las.



MUSEU DO FUTEBOL

Praça Charles Miller, s/nº

Estádio do Pacaembu, São Paulo, SP
(11)3664-3848

www.museudofutebol.org.br

Pessoas com deficiência e um acompanhante
têm entrada gratuita

Para visitas educativas o agendamento pode ser realizado
de segunda à sexta-feira das 8h30 às 12h30
pelo telefone (11)3661-2273.



MUSEU DO FUTEBOL

GESTÃO



CONCEPÇÃO

REALIZAÇÃO

